

2/4/1993

ÊXODO RURAL

Número de trabalhadores residentes no campo cai à metade em São Paulo

por Maurício Sposito

de São Paulo

Nos últimos vinte e dois anos, 647 mil trabalhadores rurais deixaram o campo no Estado de São Paulo. Cerca da metade desse contingente foi buscar emprego em atividades urbanas. Mas o restante, fixando residência em geral na periferia das cidades do interior, manteve-se empregado no campo.

Os números, que confirmam a tendência firme no Estado de São Paulo de mudanças nas relações de trabalho no campo, são dados preliminares de um estudo que está sendo preparado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) sobre a população trabalhadora rural entre os anos de 1970 e 1992.

Nesse período, caiu quase à metade a população de trabalhadores residentes no campo em São Paulo, estado que responde por 17,6% do Produto Interno Bruto da Agropecuária e tem uma moderna agricultura voltada para produtos de alto valor específico. O número de trabalhadores rurais — aí incluídos também os proprietários — residentes no campo reduziu-se de 1,316 milhão para 669 mil pessoas (45,5%).

Em contrapartida, cresceu 215,5% o número de trabalhadores rurais não residentes nas fazendas, que passou de 93,6 mil para 295,3 mil pessoas. O número de volantes, os trabalhadores rurais temporários, aumentou 33% no mesmo período, de 258,3 mil para 343,5 mil pessoas.

A redução da população rural é uma tendência mundial, estimulada pelo processo de mecanizado da atividade agrícola, que libera mão-de-obra do campo, e pela atração exercida pelos setores secundários e terciários de toda a sociedade que se industrializa. No Brasil, a população rural entre os censos de 1970 e 1991 teve sua participação reduzida de 44,07% para 24,5%.

CRESCIMENTO DURANTE A DÉCADA DE 80

Mas a crise econômica dos anos 80, que afetou de forma mais dura os grandes centros urbanos, teve efeitos singulares. Entre eles, o de conter a taxa de queda da população empregada no campo e de atrair os migrantes não mais para os grandes centros mas principalmente para as médias e pequenas cidades do interior.

A população de trabalhadores rurais em São Paulo, incluindo residentes no campo e na cidade, caiu de 1,668 milhão de habitantes em 1970 para 1,161 milhão de habitantes em 1980. Mas enquanto a crise dos anos 80 afetou significativamente a produção industrial, a produção agrícola cresceu a uma taxa média aproximada de 6,1% ao ano (levando-se em conta a soja, milho, trigo, arroz, feijão, cana-de-açúcar e laranja). Isso fez com que o número de trabalhadores na atividade rural crescesse 15,52% entre 1980 e 1992, passando a 1,338 milhão de pessoas. Ou seja, embora o saldo ainda seja negativo se comparado a 1970, a falta de perspectivas de emprego nas cidades e a oferta de trabalho em lavouras que se expandiram na última década, como a cana e a laranja, aumentaram o nível de emprego no meio rural.

Ao mesmo tempo que faltou uma política agrícola que pudesse manter o homem no campo, expulsando o pequeno produtor das zonas rurais, cresceu a oferta de trabalho nas culturas que empregam mão-de-obra volante. Segundo dados do IEA, nos últimos 23 anos a cana-de-açúcar ganhou 1,354 milhão de hectares em São Paulo e a laranja 998 mil.

Para a pesquisadora Maria Carlota Meloni Vicente, do Centro do Trabalho Rural do IEA, uma das autoras do estudo, a perda da área cultivada com o café, cultura que exige cuidados constantes e que costuma empregar um grande número de trabalhadores residentes nas propriedades, também contribuiu para o aumento do número de volantes.

De 1980 a 1992, São Paulo perdeu 475 mil hectares de café, segundo informações do IEA.

MIGRANTES ABANDONAM A GRANDE SÃO PAULO

Conforme dados da Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados), de São Paulo, durante a década de 80 o interior do estado registrou um saldo migratório positivo de 861 mil pessoas, isto é, as cidades do interior receberam mais gente do que "expulsaram". No entanto, a região metropolitana de São Paulo teve um saldo migratório negativo de 274 mil pessoas, ou seja, "expulsou" mais do que recebeu.

"Na década de 70, a migração era responsável por 51,6% do crescimento da Grande São Paulo", comparou a analista de projetos da fundação, Sônia Perillo. Segundo ela, a expansão da agroindústria para o interior do estado teve peso importante e a migração tornou-se muito mais homogênea.

Em Ribeirão Preto, no norte de São Paulo, chegam à cidade aproximadamente 50 mil migrantes por ano, sendo 70% oriundos do próprio interior paulista, afirmou Roseane Martins Imori, ex-diretora da Central de Triagem e Encaminhamento ao Migrante (Centrem) de Ribeirão Preto. Desse montante, pouco menos de 50% retornam a seus lugares de origem. Mesmo assim, disse, a cidade não tem estrutura suficiente para abrigar este contingente e o número de favelas é cada vez maior.

A ida dos trabalhadores rurais para as cidades facilita a organização sindical, mas eles têm vindo para o meio urbano de forma desordenada e acabam vivendo em condições subumanas, denuncia o secretário de política salarial da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), José Raimundo de Andrade. Como consequência, disse, abre-se espaço para a exploração da mão-de-obra. Em todo o Brasil estima-se que 70 a 80% dos trabalhadores rurais não tenham carteira assinada, existindo casos de trabalho em regime de semi-escravidão e uso da mão-de-obra infantil. "Anteriormente era só a cana que arregimentava grandes quantidades de mão-de-obra volante e agora houve uma diversificação de culturas, principalmente com a produção de frutas tropicais no Nordeste", disse Andrade.